



ESCOLA DE SAÚDE E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO

1º Ten Al Med **LUCAS ALTOE ROSMANINHO**
1º Ten Al QCO **MARIANA CRISTINA FERREIRA**
1º Ten Al Dent **NATHALIA GABRIELLE NERES ALVES BARTH**
1º Ten Al QCO **VANESSA BELLATRIX GOMES DE ALMEIDA CORREIA**

**A PARTICIPAÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE NA 2ª GUERRA MUNDIAL:
LIÇÕES DE HISTÓRIA E LIDERANÇA**

SALVADOR

2024

1º Ten Al Med LUCAS ALTOE **ROSMANINHO**
1º Ten Al QCO **MARIANA CRISTINA FERREIRA**
1º Ten Al Dent **NATHALIA GABRIELLE NERES ALVES BARTH**
1º Ten Al QCO VANESSA **BELLATRIX GOMES DE ALMEIDA CORREIA**

**A PARTICIPAÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE NA 2ª GUERRA MUNDIAL:
LIÇÕES DE HISTÓRIA E LIDERANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército como requisito parcial para a obtenção do grau de especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

Orientador: 1º Ten Gian Santana **Matusin**

SALVADOR

2024

A participação do Serviço de Saúde na 2ª Guerra Mundial: lições de história e liderança/ Mariana Cristina Ferreira... [et al.]. - Salvador, 2024.

24 f. : 27,9 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização).- Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército, Salvador, 2024.

Orientador: Ten Gian Santana Matusin.

1. Serviço de Saúde. 2. Segunda Guerra Mundial. 3. Exército Brasileiro. I. Ferreira, Mariana Cristina. II. Título.

CDD 355.1

- 1° Ten AI Dent Nathalia Gabrielle Neres Alves Barth
- 1° Ten AI Med Lucas Altoé Rosmaninho
- 1° Ten AI QCO Mariana Cristina Ferreira
- 1° Ten AI QCO Vanessa Bellatrix Gomes de Almeida Correia

A PARTICIPAÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE NA 2ª GUERRA MUNDIAL: LIÇÕES DE HISTÓRIA E LIDERANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército como requisito parcial para a obtenção do grau de especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

Aprovado em 25 / 10 / 24

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO


GIAN SANTANA MATUSIN – 1° Ten
Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército
Presidente


TIAGO ANDRADE DE LUCENA – Maj
Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército
Membro


JULIANA RABELO DE BASTOS – 1° Ten
Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército
Membro

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a participação do serviço de saúde militar durante a Segunda Guerra Mundial, realizando uma reflexão sobre as lições de histórias e lideranças que marcaram esse momento histórico, também realizar uma importante reflexão sobre a atuação da FEB (Força Expedicionária Brasileira) e o importante papel dos profissionais de saúde que foram desafiados por inúmeras dificuldades, mas desempenharam um importante auxílio no atendimento aos soldados feridos diretamente no campo de batalha. Sendo assim, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, através do referencial histórico da Segunda Guerra Mundial. Por fim, por meio do presente trabalho espera-se contribuir para a compreensão e entendimento dos aspectos do serviço de saúde, ressaltando sua importância como corpo auxiliar às atividades operacionais do Exército Brasileiro.

Palavras-chave: Serviço de saúde. Exército Brasileiro. Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

The present work aims to understand the participation of the military health service during the Second World War, reflecting on the lessons of history and leadership that marked this historical moment. It also carries out an important reflection on the performance of the FEB (Brazilian Expeditionary Force) and the important role of health professionals who were challenged by countless difficulties, but played an important role in caring for wounded soldiers directly on the battlefield. Therefore, the bibliographical research method was used, using the historical reference of the Second World War. Finally, through this work we hope to contribute to the understanding of aspects of the health service, highlighting its importance as an auxiliary body for the operational activities of the Brazilian Army.

Keywords: Health Service. Brazilian Army. Second World War

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. METODOLOGIA.....	10
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1 Contexto Histórico.....	10
3.2 A Força Expedicionária Brasileira e o Serviço de Saúde.....	12
3.3 Organização do Serviço de Saúde nos campos de batalha.....	14
3.4 Atuação dos profissionais do Serviço de Saúde.....	14
4. DISCUSSÃO.....	17
5. CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

A 2ª Guerra Mundial (2ª GM) ocorreu de 1939 a 1945, e foi o maior conflito armado de proporções globais que já existiu. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), nos seis anos de duração da guerra, cerca de 40 milhões de civis e 20 milhões de soldados perderam a vida (ONU, 2021). Em agosto de 1942, mais de 600 brasileiros foram mortos nos cinco navios torpedos pelo submarino alemão U-507 (Rigoni, 2000).

Dada a grandiosidade do conflito e a quantidade de mortos e feridos, a 2ª GM contou com um grande número de militares atuantes no serviço de saúde. A participação do Brasil na guerra ocorreu após navios mercantes brasileiros terem sido afundados por submarinos alemães em 1942. Em 1944, o Brasil iniciou sua participação no conflito enviando, aproximadamente, 25 mil combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e um batalhão de saúde (Ferraz, 2005).



Figura 1 – Outro navio brasileiro é afundado por alemães. Fonte: Memória O Globo.

O primeiro Batalhão de Saúde (1º BS) do Brasil foi criado em prol da participação do Brasil na 2ª GM e era composto por aproximadamente 170 profissionais. Dentre os profissionais do primeiro Batalhão de Saúde (1º BS), encontravam-se médicos, dentistas e farmacêuticos, dos quais, muitos tiveram a conclusão da graduação antecipada devido à convocação para a guerra e ao baixo número de efetivo profissional já formado (Pereira, 2019). A criação do 1º BS também culminou com o ingresso das mulheres nas forças armadas brasileiras, por meio da atuação de 67 enfermeiras da FEB (Cytrynowicz, 2000).

Nesse contexto, o presente trabalho objetiva compreender a participação do serviço de saúde na 2ª GM, dando enfoque nas lições de história e liderança, quando cabível. O ano de 2024 soleniza o octogenário da participação da FEB na 2ª GM e, por meio deste trabalho, espera-se contribuir para um melhor entendimento dos aspectos que tangem a atuação do serviço de saúde em tempos de guerra. Além disso, esta pesquisa contribuirá para o registro no escopo literário de temas que circundam o Exército Brasileiro, auxiliando na difusão de conhecimento a respeito da atuação das Forças Armadas.

Outrossim, esta temática é de grande interesse acadêmico/militar, uma vez que a atuação do serviço de saúde no conflito foi importante para vitória brasileira contra o nazifascismo no Teatro de Operações (TO) europeu. O tema é desafiador e carece de mais informações, pois Getúlio Vargas desmantelou a FEB com receio de seu espírito libertador. Com medo que este ímpeto se voltasse contra os arbítrios de seu governo, Vargas tomou medidas para sufocar informações dos feitos dos pracinhas brasileiros, bem como desmembrou os expedicionários (FARIA, 2015). Por consequência, muitos dados sobre as realizações brasileiras na guerra se perderam com o passar dos anos, sobretudo as do serviço de saúde. Logo, a relevância deste trabalho na tentativa de resgatar a importância do momento e os feitos de seus heróis se torna ainda maior.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da bibliografia. A pesquisa será realizada por meio da coleta de dados em livros e em artigos disponíveis em plataformas virtuais. Para tal, serão consultadas as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital do Exército Brasileiro, Arquivo Histórico do Exército, SciELO, Google Acadêmico, PubMed, Biblioteca Nacional, Biblioteca Virtual de Saúde e acervos jornalísticos. Na realização da busca serão utilizadas as palavras-chaves: “Serviço de Saúde”, “Segunda Guerra Mundial”, “Força Expedicionária Brasileira”, “FEB”, “Exército Brasileiro”, isoladas ou conjuntamente.

Os artigos e livros encontrados na busca serão analisados de forma primária por meio da leitura dos resumos e, aqueles que se adequarem ao tema, serão lidos na íntegra e contribuirão para as informações explanadas no estudo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Contexto Histórico

No ano de 1930 o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, foi conduzido ao poder por uma revolução que visava dar fim aos arranjos políticos oligárquicos da República Velha. Em novembro de 1930, assumiu o Poder Executivo e Legislativo, dissolvendo o Congresso Nacional e restringindo os poderes legislativos estaduais e municipais. Além disso, demitiu todos os governadores, com exceção do de Minas Gerais, nomeando em seus lugares interventores federais, subordinando-os ao poder central.

O Presidente da República, juntamente aos tenentes, não conseguiu instaurar a república idealizada, mas, de alguma forma, fez o país avançar no âmbito social e político, porém com dificuldades e rupturas. Os liberais de São Paulo, aliando-se aos conservadores, pediram por uma constituição e eleições,

porém foram derrotados. Votou-se uma Constituição em 1934, na qual Getúlio Vargas teve seu nome ressaltado como Presidente da República pelo Congresso. Em 1935, os comunistas tentaram tomar o poder por meio de um golpe, porém não obtiveram sucesso e foram contidos. Em 1937, Vargas fez-se ditador e incorporou o Estado Novo (Fausto, 1999).

O presidente Getúlio Vargas comandou como tirano e popular, foi transformador social, enquadrando sindicatos, censurou a Imprensa, investiu no cinema, no teatro, nas artes plásticas e na literatura, foi contra os comunistas e criou a Petrobrás. Pois foi o seu grupo político que, ao tomar o poder em 1930, criou o que conhecemos como Estado brasileiro, com uma burocracia técnica, impessoal, levando em consideração o mérito. O Estado passa a intervir na economia, regular e planejar. Para a construção do nacional-estatismo no Brasil, utilizou-se o trabalhismo como alicerce. Se, no segundo governo, o projeto trabalhista foi mais encorpado, durante o Estado Novo, foi caracterizado de populismo (Filho, 2013).

Aborda-se o envolvimento da cúpula do Exército com o desenvolvimento econômico, discute-se as motivações que fizeram os militares a se engajarem com a carência de industrialização e a investida de argumentar as razões que fizeram com que esse envolvimento se evidenciasse para o militarismo político. Os militares possuíam mão de obra especializada de caráter técnico-administrativo. O movimento tenentista de 1922 e 1924 deixava explícito a indignação das Forças Armadas com a forma de poder que mantinha a República Velha. Para a instituição, sua visão era tirar o Brasil do atraso no qual as elites agrárias da região o colocavam. O movimento, no entanto, era heterogêneo, e essa junção foi realizada pelo caráter amplo da Revolução de 1930 e a figura pacificadora de Vargas. Se, ao final do seu primeiro governo, toda a corporação militar era adepta do desenvolvimentismo, havia, entretanto, aqueles que se separaram dos ideais de desenvolvimento econômico e as aspirações de desenvolvimento social (Filho, 2013).

De 1937 a 1945, no decorrer da ditadura do Estado Novo, existiu no campo da educação brasileira uma mistura de valores hierárquicos, com

influência direta da Igreja Católica. Em paralelo, houve a proibição dos partidos políticos, censura à imprensa, criação de leis trabalhistas significativas e importantes para a época, além do esvaziamento da tentativa de golpe integralista. O Brasil se desfez de alianças com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), iniciando aproximação com os Estados Unidos da América, com o objetivo de instalar uma grande indústria siderúrgica no país e equipar as Forças Armadas, negociando a participação do Brasil na 2ª GM. Dessa forma, seriam estabelecidas as bases da nacionalização do petróleo, introduzindo um sistema de câmbio e cotas para regularizar a exportação do café (Fausto, 1999).

3.2 A Força Expedicionária Brasileira e o Serviço de Saúde

A 2ª GM ocorreu de 1939 a 1945 e, em 1943, foi criada uma força militar diferenciada, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que seguiu para o campo de batalha em 1944, comandada pelo General João Batista Mascarenhas de Moraes (Silveira, 2000). Na oportunidade, viajaram para a Itália 186 profissionais de saúde, dentre eles, 67 enfermeiras do Exército Brasileiro, sendo 61 enfermeiras hospitalares e seis especializadas em transporte aéreo (Medeiros, 2001).

Um dos motivos para a entrada do segmento feminino no campo militar foi a mobilização nacional espontânea, criada por constrangimento popular, para a inserção do Brasil na 2ª GM. Algumas brasileiras procuraram participar dessa mobilização e foi a área de Enfermagem o caminho encontrado. Assim, houve uma procura significativa pelos cursos das escolas de formação de Enfermagem da época (Bernardes et al., 2005).

No dia 13 de dezembro de 1943 foram incorporadas ao Serviço de Saúde as enfermeiras, por meio do decreto número 6.097, em que o então presidente, Getúlio Vargas, instituiu o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército. Em sequência foi editado o Decreto de número 14.257, que objetivou regulamentar o Quadro de Enfermeiras, este fato entrou para a história por marcar a entrada do segmento feminino nas forças armadas (Silva, 2011).



Figura 2 – Enfermeiras da FEB. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

O Primeiro Batalhão de Saúde (1ºBS) foi fundado em 1943 na cidade de Valença. Era composto por médicos das mais diversas especialidades, como anesthesiologistas e ortopedistas, além de outros profissionais como dentistas, farmacêuticos, radiologistas e enfermeiros. Trabalharam no teatro de operações aliados aos Estados Unidos, fazendo parte de suas atividades em hospitais norte-americanos (Pereira, 2019).

No caso dos médicos e dentistas, o pouco número de profissionais formados nos cursos de medicina e odontologia, juntamente ao baixo efetivo de militares especializados, fez com que, durante o ciclo de mobilização, esses estudantes tivessem suas formaturas antecipadas para proporcionar sua convocação para a guerra, já como profissionais do serviço de saúde, sendo classificados como militares da reserva. Ao todo embarcaram 176 oficiais médicos, sendo 84 militares da ativa (Roque, 2019).

3.3 Organização do Serviço de Saúde nos campos de batalha

O serviço de saúde na 2ª GM foi estruturado em departamentos de comando: três companhias de evacuação (cada uma com um Pelotão de Padioleiros, um Pelotão de Posto de Socorro e um Pelotão de Ambulância) e uma Companhia de Tratamento, constituída pelo Posto de Socorro Divisionário (PSD). Nos PSD os feridos recebiam tratamento imediato, para depois serem transferidos ao Posto de Triagem Divisionário (Roque, 2019).

As seções de saúde da Força Expedicionária Brasileira eram divididas em S1, S2, S3 e S4, nas quais eram conferidas suas funções. A primeira seção era constituída pelos médicos, enfermeiros, dentistas e farmacêuticos, e era chefiada pelo Capitão médico Dr. Carlos Paula Chaves. A segunda seção trabalhava com o cadastro dos feridos e dos tipos de tratamentos e medicamentos utilizados, sendo comandada pelo Dr. Fernando Mangia. A terceira seção era direcionada pela atuação da saúde nas operações militares, ao lado dos regimentos e batalhões em guerra, buscando levar os feridos de cada embate, e era comandada pelo Dr. Adolfo R. Ratisbona. Por fim, a quarta seção era responsável pelo material sanitário, ou seja, pelo recebimento e distribuição às unidades militares, comandada pelo Capitão médico Dr. Nelson Rocha. As seções de saúde estavam divididas nos Hospitais de Nápoles, Livorno, Montecatini, Pistóia e no 32º Hospital de Campo, em Valdeburra (Rigoni, 2012).

No hospital de campo atuavam os serviços médicos onde eram atendidos os feridos em caráter de urgência. Os feridos e doentes que precisavam de tratamento eram transferidos para hospitais da retaguarda, considerados mais seguros. Quando em combate, os feridos eram atendidos em postos de triagem e, depois, eram levados aos hospitais (Rigoni, 2012).

3.4 Atuação dos profissionais do Serviço de Saúde

Segundo Bernardes (2005), as atividades do corpo de saúde, exemplificada nas falas abaixo por enfermeiras, foram fundamentais para consolidação da vitória na guerra, na qual muitos soldados conseguiram se restabelecer de suas doenças para prosseguirem na batalha.

[...]o encargo do hospital de evacuação era de colocar o paciente em condições de viagem para a retaguarda[...]tínhamos que trabalhar muito e muito rápido[...]a rotina do hospital era muito dura[...]quando o paciente chegava[...]só tinha recebido na linha de frente aquele grãozinho de morfina[...]ali era acudido, socorrido, limpo[...]então ele era posto em condições de viajar[...]as enfermeiras trabalhavam muito[...] (Bernardes, 2005).

[...]é uma enfermaria das mais importantes que existiam[...]é o choque, enfermaria de choque[...] no choque você não tinha camas, só cavaletes[...]o choque é o pronto socorro[...]o paciente ficava ali [...]era prestado o primeiro socorro[...]nessa enfermaria de choque trabalhavam duas equipes, brasileiras e americanas (Bernardes, 2005).

Segundo relatos, as enfermeiras garantiam a troca dos curativos, verificavam prontuários, administravam medicamentos, monitoravam os sinais vitais e, concomitantemente, a arrumação das cobertas, proporcionando maior conforto ao ferido. Elas também se dedicavam bastante ao tratamento com plasma sanguíneo, sulfa e penicilina. Destaca-se que às 19 horas, era misturada toda a penicilina necessária para a primeira ronda de aplicação. Uma

enfermeira, acompanhada de dois técnicos, andava o hospital para ofertá-la num ritmo de sessenta pacientes por barraca. O autor considera que se tratava de uma verdadeira arte encontrar os caminhos durante a noite, sem iluminação, nem mesmo lanterna, nas barracas vagas e sem distinção de silhuetas em contraste com a escuridão, com cordas e cravos de barracas, numa ameaça eminente, com as seringas e os medicamentos sendo equilibrados nos braços de forma precária(Bourdier,2001).

A missão do Batalhão de Saúde foi realizada com êxito. Como saldo da atuação, no período de novembro de 1944 a fevereiro de 1945, foram atendidos 884 feridos, 3.316 doentes e 406 acidentados, além de terem passado pelo posto de triagem 3 aliados, 2 feridos inimigos e 174 civis italianos (Brasil, 2021).

A boa atuação, somada ao exemplo de abnegação da equipe de saúde brasileira, rendeu não somente grande admiração e respeito da população brasileira, mas também elogios do General Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB. Fato publicado no Boletim Interno número 45, de 14 de fevereiro de 1945, da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE):

O Serviço de Saúde, quer em combate, quer em situação de calma, tem funcionado de maneira irrepreensível. Esse funcionamento é resultado da perfeita ajustagem da cadeia que vai dos primeiros escalões da frente aos hospitais da retaguarda. Na assistência pronta e imediata ao soldado que tomba com campo da luta, muitas vezes sob feroz ação inimiga, a inexcusável dedicação dos padoleiros dos Corpos de Tropa tem sido posta à prova, sem desfalecimento no cumprimento da nobilitante missão, em que, preocupados em salvar a vida ou atenuar o sofrimento do companheiro ferido, pões inteiramente de lado a própria segurança. No transporte para os órgãos de tratamento, aqui considerados mesmo aqueles em que se aplicam os primeiros socorros, solícitos, os motoristas cuidadosos, com a compreensão nítida do valor dos passageiros que conduzem – homens que acabam, de dar o sangue, muitos, a integridade física, alguns dentre muitos, a vida, tudo pela grandeza do Brasil -, rodam por caminhos maus e boas estradas, da frente para os hospitais. E nos postos de socorro e nos estabelecimentos hospitalares, médicos, cirurgiões habilíssimos e enfermeiras dedicadas, seguindo a orientação do

seu valoroso patrono, General João Severiano da Fonseca, iniciam o trabalho estafante e profundamente humano de dar vida ao moribundo, afastar o espectro da morte que rodeia os feridos, de suavizar os sofrimentos físicos e também morais. Verdadeiros heróis da grande luta contra a morte, esse exército de padiolas e bisturis faz, do mesmo modo que o de canhões e baionetas, grande dano ao alemão que nos defronta (Morais, 2005).

4. DISCUSSÃO

A liderança é manifestada somente em grupo, fazendo com que as pessoas alcancem resultados que não alcançariam se estivessem caminhando por conta própria. Dessa forma, é essencial que a figura do líder esteja bem estabelecida em uma missão, para que conduza sua equipe e extraia o melhor de cada integrante (Júnior, 2022). No contexto da atuação do Serviço de Saúde na 2ª GM não seria diferente, uma vez que, em um cenário de guerra desafiador como aquele, manter o equilíbrio emocional e psicológico, bem como a saúde física da tropa, foi certamente um grande desafio para os líderes naquele momento.

A participação dos militares da saúde durante a Segunda Guerra Mundial é uma fonte rica de lições de história e liderança. Esses profissionais enfrentam desafios extremos, adaptaram-se rapidamente a novas situações e demonstraram habilidades de liderança que salvaram inúmeras vidas. Os médicos e enfermeiros militares foram intensivamente treinados para atuar em condições adversas, como em hospitais de campanha, zonas de combate e em condições de escassez de recursos (Cabral, 2021).

Como exemplo de liderança bem-sucedida, temos o Coronel Médico Emmanuel Marques Porto, chefe do Serviço de Saúde da FEB, que, entre outras ações, preparou sua tropa antes mesmo da chegada da FEB à Itália, treinando seu pessoal quanto aos métodos e processos de campanha, primeiros socorros e conservação do estado sanitário. Além disso, o coronel mobilizou-se para resolver o problema das enfermeiras da FEB, que não eram oficialmente militares e, por isso, sofriam certas humilhações, como o impedimento de utilizarem os refeitórios, fazendo com que fossem arvoradas

ao posto de segundo-tenente (Motta, 2001). Sua brilhante atuação como líder naquele contexto, rendeu-lhe diversas condecorações, além de proporcionar notoriedade internacional ao Exército Brasileiro à época (Brasil, 2020).

Outra liderança de destaque foi a Major Elza Cansanção Medeiros, uma das enfermeiras voluntárias que atuou no teatro de operações na Itália. Foi enfermeira-chefe da equipe brasileira do 7º Hospital de Evacuação na Itália, mas iniciou o atendimento às vítimas de guerra ainda no Brasil, na ocasião do torpedeamento do navio Itapagé, em 1943, em Maceió (Nunes, 2020). Quando assumiu a chefia, ordenou às enfermeiras sob sua liderança que observassem o que as americanas faziam e que fizessem melhor, o que foi cumprido à risca. Sua exímia atuação na 2ª GM resultou em inúmeras medalhas nacionais e internacionais que lhe foram outorgadas, além de ser considerada hoje a mulher mais condecorada do Brasil (Motta, 2001).



Figura 3 – Primeiras Enfermeiras a chegarem ao TO europeu. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Em 1943 foi criado o quadro de enfermeiras do exército, quebrando a visão paternalista que se referia a mulher como figura do lar. A entrada da mulher no serviço de saúde para guerra traz consigo repercussões até hoje, foi através destas atitudes que possibilitaram a entrada da mulher nas forças armadas, isso resulta na capacidade de influência que estas mulheres tiveram neste contexto temporal. Liderar se caracteriza, segundo Lessa (2001), como uma capacidade de influenciar pessoas, vai depender do conhecimento sobre quem se lidera e o seu conhecimento do contexto social, estas mulheres entenderam o contexto em que se vivia e a necessidade, não havia naquela

época muitos enfermeiros homens, existia uma carência de mão de obra qualificada além do país está vivendo um momento conturbado de guerra. As enfermeiras que participaram da guerra na FEB não só ajudaram a defender a pátria e reforçar o nacionalismo, mas também conseguiram a partir dali influenciar gerações mostrando a importância do serviço de saúde dentro da força militar. Fato comprovado, uma vez que o quadro de enfermeiras do exército existe até hoje. Foi um legado deixado por estas corajosas mulheres, que além de romperem paradigmas, salvaram vidas e deixaram um legado a ser seguido de força e coragem (Oliveira, 2009).

Em um determinado discurso, a enfermeira Olímpia de Araújo Camerino, chefe das enfermeiras brasileiras na Itália, proferiu a seguinte frase: “Em defesa do lar, a cidadela das nossas virtudes e das nossas supremas esperanças de felicidade e de paz, aqui estamos, aqui está a mulher brasileira, de vigília, como um guerreiro novo da civilização cristã” (Camerino, 1983). Podemos inferir através destas palavras que as mulheres que incorporaram no serviço de saúde na FEB foram exemplos, não só para o campo medicinal, porém mostraram a bravura de um soldado para enfrentar os perigos da guerra, dando sua própria vida pela pátria se preciso. Foram verdadeiras líderes, servindo com honra e coragem, marcando sua presença na história do Brasil (Cytrynowicz, 2000).

5. CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu reforçar ainda mais a importância da atuação da FEB na 2ªGM, especialmente do serviço de saúde. É notório o destaque das ações de liderança protagonizadas por esses militares, seja nas funções de comando das seções pelos médicos, seja nas ações das enfermeiras, conduzindo seus subordinados nas condições mais adversas. Sem a prática da liderança em um cenário de guerra, não teria sido possível atingir os objetivos de recuperação da tropa. Nesse contexto, o Exército Brasileiro tem, ainda, como um de seus valores o civismo, que preza pelo conhecimento da história-pátria, reconhecendo e valorizando heróis e patronos nacionais. Torna-se necessária então, a difusão desse conhecimento, não só no âmbito da

instituição, mas fora dela, a fim de restaurar a confiança e o prestígio dignos do Exército, perante a sociedade, tão ameaçados nos últimos anos.

Fica evidente, portanto, que a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi um grande desafio em todos os sentidos. Graças à abnegação, ao desprendimento, e a completa entrega milhares de soldados brasileiros que foram a um continente distante lutar por liberdade participamos da vitória contra o Nazifascismo. Tais feitos não podem ser jamais esquecidos, muito menos desprezados ou reescritos por uma ótica interessada em menosprezar os feitos brasileiros e o sofrimento de nossos heróis.

O serviço de saúde brasileiro, foi desafiado por inúmeras dificuldades, das mais básicas às mais avançadas, no entanto, não se curvou, antes lutou e surpreendeu. Os militares da saúde desempenharam um papel vital no atendimento de soldados feridos diretamente no campo de batalha; a capacidade de fornecer cuidados imediatos aumentou significativamente as chances de sobrevivência de soldados gravemente feridos. A entrada do Brasil na guerra marcou para sempre a história do Exército Brasileiro, não apenas com a evolução das doutrinas e táticas, mas também com a entrada da mulher na força. A participação das mulheres no serviço de saúde neste período rendeu o reconhecimento do grande general Mascarenhas de Moraes: “o Comando brasileiro julga o esforço, a operosidade e a dedicação das nossas Enfermeiras na Itália como um atestado veemente do valor da mulher brasileira” (Brasil, 2017).

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Celina D'. **As instituições brasileiras da Era Vargas**. Rio de Janeiro: UERJ - FGV, 1999. 212 p. ISBN 8585881828. Disponível em: <https://www.decex.eb.mil.br/processo-original-chqao/2-uncategorised/594-cadernos-de-lideranca-militar-volume-1>. Acesso em: 19 ago. 2024.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira; SANTOS, Tânia Cristina Franco. O cotidiano das enfermeiras do exército na força expedicionária brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945). **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 13, ed. 3, p. 314-321, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/xgs4rJsrzSxVtvRYpY96JSj/?format=pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira; SANTOS, Tânia Cristina Franco. Base de sustentação militar de Vargas durante a 2ª guerra e a soberania bélica alemã: percepções de enfermeiras e militares. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 544-550, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9Mp4XsLMyhbfX9p4S7WP6j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 115 p. ISBN 8571106134.

BRASIL. Comando Militar do Sul. 3ª Divisão de Exército. **Memórias da Guarnição - O Marechal de Branco**. Rio Grande do Sul, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://3de.eb.mil.br/index.php/todas-as-noticias/2008-memorias-da-guarnicao-o-marechal-de-branco>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Cadernos de Liderança Militar**. 1. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 2022. 86 p. v. 1. Disponível em: <https://www.decex.eb.mil.br/processo-original-chqao/2-uncategorised/594-cadernos-de-lideranca-militar-volume-1>. Acesso em: 19 ago. 2024.

BRASIL. Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército. **As Enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira**. [S. l.], 14 dez. 2022. Disponível em: <https://www.ahex.eb.mil.br/ultimas-noticias/217-as-enfermeiras-na-forca-expedicionaria-brasileira>. Acesso em: 24 ago. 2024.

BRASIL. Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército. **Enfermeiras na II Guerra Mundial**. [S. l.], 4 maio 2017. Disponível em: <https://www.ahex.eb.mil.br/colecao-particular-nilton-lago-ilhas-fontes/8-enfermeiras-na-ii-guerra-mundial/detail/662-enfermeiras-na-ii-guerra-mundial>. Acesso em: 24 ago. 2024.

CABRAL, Danilo Cezar. **Como era o trabalho de um médico nos fronts da 2ª Guerra Mundial?** 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-otrabalho-de-um-medico-nos-fronts-da-2a-guerra-mundial>. Acesso em: 30 de abr. 2021.

CYTRYNOWICZ, Roney. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. **Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 73-91, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/5BhQR8MSNJdYFzKHPWW/hntt/#>. Acesso em: 19 ago. 2024.

FARIA, Durland Puppim de. Introdução à história militar brasileira. **Resende: Academia Militar das Agulhas Negras**, 2015.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

FERRAZ, Francisco Cesar. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 78 p. ISBN 8571108501.

FILHO, Hermógenes Saviani. A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 855-860, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/5NrXd8XXCZhtFshHQnzDNqp/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LESSA, Jorge. **Mandar é fácil... Difícil é liderar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Qualidade, 2001.

MEDEIROS, E.C. **Eu estava lá!** Rio de Janeiro (RJ): Ágora da Ilha; 2001.

MEMÓRIAS O GLOBO. **Afundado outro navio Brasileiro!**. O Globo, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1942. Disponível em: <https://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/reportagens/o-planeta-tomado-pelo-flagelo-8839165>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MORAES, João Batista Mascarenhas De. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005. ISBN 8570113218.

MOTTA, Aricildes de Moraes (coord.). **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/7309>. Acesso em: 20 ago. 2024.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL (Brasília). Nações Unidas. **Nações Unidas lembram os mortos da Segunda Guerra Mundial**. Brasília-DF: Casa ONU Brasil, 10 maio 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/126610-na%C3%A7%C3%B5es-unidas-lembram-os-mortos-da-segunda-guerra-mundial>. Acesso em: 15 jun. 2024.

NUNES, Aurimar Jacobino de Barros. **O Itamaraty e a Força Expedicionária Brasileira (FEB): o legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo de política externa**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2020. Disponível em: <https://funag.gov.br/biblioteca/download/Itamaraty-FEB.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al. Enfermeiras Brasileiras na Retaguarda da Segunda Guerra Mundial: repercussões dessa participação. **Texto &**

Contexto - Enfermagem, Florianópolis, v. 18, ed. 4, p. 688-696, 2009.
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/dggdPG5kkQSdYwvz6pTvPmK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2024.

PEREIRA, Aline de Azevedo. **Exército Brasileiro e a Medicina Tática nas Grandes Guerras Mundiais**. Orientador: Milton Baptista Pereira Neto. 2019. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares) - Escola de Saúde, Exército Brasileiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/5473>. Acesso em: 22 ago. 2024.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de guerra: memórias e testemunhos dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a 2a. Guerra Mundial (1944-1945)**. Orientador: Cynthia Machado Campos. 2009. 575 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-102511/diarios-de-guerra--memorias-e-testemunhos-dos-soldados-brasileiros-que-combateram-nos-campos-da-italia-durante-a-2a-guerra-mundial>. Acesso em: 5 ago. 2024.

RIGONI, Carmen Lúcia. O Brasil na Segunda Guerra Mundial- Histórias de Pracinhas Estabelecendo os caminhos da pesquisa na obra de Norbert Elias. **Revista Conexões**, Campinas, ed. 5, p. 40-43, 5 dez. 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638147/5823>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ROQUE, Daniel Mata et al (org.). **Práticas e representações fotográficas do serviço de saúde brasileiro na II guerra mundial**. Rio de Janeiro: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2019. 176 p.

SILVA, Humberto Ferreira. **Memorial da Força Expedicionária Brasileira: Uma Face da Glória**. Orientador: Maraliz Castro Veira Christo. 2011. 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/historia//files/2013/11/2011-MEMORIAL-DA-FOR%c3%87A-EXPEDICION%c3%81RIA-BRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 18 maio 2024.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Bibliex; 2001.